



**AMBIÇÃO E CÁLCULO: O ARRIVISMO NO CONTO “TEORIA DO MEDALHÃO”
DE MACHADO DE ASSIS E NO ROMANCE *LE PÈRE GORIOT* DE BALZAC**

Daniela Mantarro Callipo¹

Resumo: Em “Teoria do Medalhão”, escrito por Machado de Assis em 1881, um pai zeloso resolve dar bons conselhos a seu filho que acaba de completar 21 anos. Servindo-se de um discurso pertencente à ideologia oficial do oitocentos; ou seja, aquela instituída pela hegemonia dominante, inclusive na França de Balzac, o pai sugere ao filho que abandone seus ideais, utilizando máscaras e anulando seus pensamentos e gostos, a fim de se tornar um verdadeiro Medalhão. O diálogo que se estabelece entre ambos é permeado de ironia e humor, pois o pai faz um discurso aparentemente sábio, mas que, na realidade, é vazio e tolo. Este trabalho visa contrapor esse conto machadiano ao romance *Le Père Goriot*, de Balzac, no qual Eugène de Rastignac é um estudante de Direito que, apesar de nobre, tem uma situação humilde e necessita morar na pensão burguesa de Madame Vauquer. O rapaz chega à capital da França com o coração puro e a intenção de enriquecer pelo trabalho. Um ano após sua chegada, entretanto, vê-se contaminado pelo desejo de possuir belas carruagens, vestimentas caras e divertir-se em meio à ostentação e ao luxo. Para alcançar seus objetivos, o rapaz pede conselhos a uma parenta aristocrática, Madame de Beauséant, que lhe ensina de que maneira poderá se tornar rico e invejado. O diálogo entre Rastignac e a parenta assemelha-se a uma lição, da mesma forma que aquele estabelecido entre Janjão e seu pai, pois os dois jovens aprendem que os ideais ligados à família, à honestidade e ao trabalho devem ser substituídos pela ambição e pelo cálculo.

Palavras-chave: Conto machadiano; Romance francês; Arrivismo social.

O conto “Teoria do Medalhão” de Machado de Assis foi publicado na *Gazeta de Notícias* em 18 de dezembro de 1881 e republicado, no ano seguinte, na coletânea *Papéis Avulsos*. A narrativa tem apenas duas personagens: o pai e seu filho Janjão, que acaba de comemorar seu aniversário com um “modesto jantar”. Após a partida do último conviva, o pai anuncia que deseja ter uma conversa “séria” com o filho que acaba de completar 21 anos. Manda-o fechar a porta, abrir a janela, sentar-se e ouvir com atenção quais são as expectativas paternas em relação a ele.

O conto foi objeto de excelentes estudos: em “Janjão e Maquiavel: a ‘Teoria do Medalhão’”, Villaça (2008) aponta a profundidade dessas páginas machadianas que levam o

¹ Professora Doutora da UNESP, Campus de Assis (UNESP). E-mail: danielacallipo@gmail.com



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

leitor a refletir acerca de um “quadro mais grave, mais dramático, no qual a graça, sem desfazer-se completamente, dá presença a mazelas que entre nós já se institucionalizaram” (p. 37). O pesquisador analisa a importância da alusão feita a *O príncipe* de Maquiavel no final do conto, demonstrando que ela reforça os procedimentos a serem adotados para se chegar ao poder.

Em “A Paideia inversa: ‘Teoria do Medalhão’ de Machado de Assis”, Montesini (2010) estuda a intertextualidade estabelecida entre o conto e a Mitologia Clássica. Para a pesquisadora, o conto representa uma inversão irônica da educação dos jovens na Antiguidade Clássica, que primava pela *paideia*; ou seja, pela formação de um homem ético, que vivesse e morresse com dignidade e honra, “sendo capaz de respeitar a si e ao outro” (p. 334).

Os conselhos que o pai oferece a Janjão no dia de seu aniversário representam, de fato, o oposto da ética, da dignidade e da honra. Ele não lhe passa valores morais, mas lhe transmite uma fórmula para obter sucesso: “o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos, notável, que te levantes acima da obscuridade comum.” (ASSIS: 1998. p. 328) Como é preciso, porém, ter um ofício “para a hipótese de que os outros falhem”, aconselha-o a tornar-se “medalhão”.

O diálogo que se estabelece entre os dois é permeado de ironia e humor, pois o progenitor faz um discurso aparentemente sábio, mas que, na realidade, é vazio e tolo. “Teoria do Medalhão” é um conto construído em forma de diálogo direto, sem a presença de um narrador. As personagens não são apresentadas ao leitor, que tem acesso somente à conversa que se inicia após o jantar:

-Estás com sono?

-Não, senhor.

- Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?

- Onze.

- Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros ...

- Papai ... (ASSIS, 1998, p. 328)

Por meio do diálogo, sabe-se o horário em que a conversa se inicia, a data de nascimento de Janjão, pormenores da aparência física do rapaz e de sua vida pessoal, a classe



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

social a que pertence a família, as diferenças existentes entre pai e filho. Por exemplo, quando o progenitor ensina o filho a se expressar, indica que o vocabulário deve ser “naturalmente simples, tíbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...”. Tal comentário enerva Janjão que exclama: “- Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...” (ASSIS, 1998, p. 332). A expressão “isto é o diabo” utilizada pela personagem mais jovem e descontraída, distingue-a do pai, cujo vocabulário é mais formal.

Durante a conversa “séria” o pai explica a Janjão que está na hora de escolher uma carreira, pois já tem “algumas apólices” e um “diploma” que lhe permitiriam entrar no parlamento, na magistratura, nas letras, no comércio; ou seja, trabalhar. Mas não é esse o desejo do pai, e sim que ele se torne “grande e ilustre”, ou, ao menos, “notável” Para tanto, o melhor “ofício” seria se tornar um “medalhão”, ou seja, alguém que conseguiu conquistar riqueza e fama: “Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti” (ASSIS, 1998, p. 329).

Nota-se, por meio do diálogo encetado pelo pai, que os conselhos dados a Janjão não possuem nada de enobecedor. Não é esse o tipo de conselho que se dá a um filho que alcança a maioria e o qual se deseja preparar para a vida, para o mundo. Normalmente, pais ensinam seus filhos a serem honestos, dignos, confiáveis. O pai de Janjão, ao contrário, deseja ver o filho “acima da obscuridade comum” e tenta convencê-lo a pensar exclusivamente na importância que poderá adquirir na sociedade em que vivem, sociedade esta que prioriza as aparências, a publicidade conquistada por meio de “pequenos mimos, confeitos, almofadinhas”. Ele chama a D. Quixote um “ilustre lunático” ao desejar fazer-se conhecido graças a ações heroicas ou custosas: “O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um *Tratado científico da criação dos carneiros*, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. (ASSIS, 1992, p. 334)

Outro ponto a destacar é o elemento cômico, pois apesar do diálogo ser aparentemente sério, ele é permeado de ideias absurdas que levam ao riso: quando o pai sugere a Janjão que siga a “carreira” de Medalhão, o rapaz duvida de sua própria capacidade. Mas a explicação paterna o convence: ele é naturalmente “dotado da perfeita inófia mental”, ou seja, da pobreza de ideias:



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

- Tu, meu filho, se não me engano, pareces dotado da perfeita inófia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição de memória. Não, refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. (ASSIS, 1992, p. 330)

No entanto, as ideias podem surgir, porque são “espontâneas e súbitas”. É preciso refreá-las com um regime “debilitante”: “ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc.” (ASSIS, 1992, p. 330). O passeio nas ruas também pode ser útil, sobretudo se ele não andar desacompanhado, pois “a solidão é oficina de ideias”. O cúmulo da exposição do pai ocorre quando ele sugere ao filho que tome cuidado com livrarias e só as frequente para comentar os boatos do dia, as anedotas da semana, “um contrabando, uma calúnia”; ou seja, para conversar, e não comprar livros. Outra sugestão paterna é a de que, ao cair de um carro, “sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais” (ASSIS, 1992, p.330).

O título do conto, “Teoria do Medalhão” é uma desconstrução paródica de textos científicos, morais, religiosos ou elevados, pois “teoria” remete a estudo, ao resultado de análise séria e refletida, enquanto “medalhão” é o sujeito desprovido de talento, lançado a posições importantes devido às amizades, ao dinheiro e/ou à publicidade. Além disso, a conversa estabelecida entre um pai e seu filho que acaba de completar 21 anos é uma inversão irônica do diálogo ideal que deveria ser mantido entre o progenitor, exemplo de comportamento, e o rapaz, que se lança para a vida. A paródia que leva ao riso não deve, entretanto, escamotear o sentido do conto: para triunfar na sociedade carioca oitocentista, é preciso usar máscaras, reprimir as ideias, seguir a ideologia dominante.

Se esses valores transmitidos podem surpreender, porque se opõem à ética, eles se aproximam, entretanto, daqueles estabelecidos pela burguesia no século XIX no Brasil e na Europa, como se pode observar em três romances franceses do período: *Le Rouge et le Noir* (1830)², de Stendhal, *Le Père Goriot* (1834) e *Illusions Perdues* (1843), ambos de Honoré de Balzac. Os protagonistas desses romances, Julien Sorel, Eugène de Rastignac e Lucien de



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

Rubempré caracterizam-se pelo desejo de ascensão social e o abandono de valores transmitidos por suas famílias.

No *Père Goriot*, romance que interessa mais de perto, Eugène de Rastignac é um estudante de Direito que, apesar de nobre, tem uma situação humilde e necessita morar na pensão burguesa de Madame Vauquer, enquanto completa seus estudos. O rapaz chega à capital da França com o coração puro e a intenção de enriquecer pelo trabalho. Um ano após sua chegada, entretanto, Rastignac vê-se contaminado pelo desejo de possuir belas carruagens, vestimentas caras e divertir-se em meio à ostentação e ao luxo. Perde suas ilusões da infância e as ideias provincianas herdadas pela família.

Para alcançar seus objetivos, o rapaz pede conselhos a uma parenta aristocrática, chamada Madame de Beauséant, que lhe ensina de que maneira poderá frequentar os salões da nobreza parisiense, tornando-se rico e invejado. O diálogo entre o jovem e a parenta, intermediado por uma amiga da viscondessa, assemelha-se a uma lição, da mesma forma que o diálogo entre Janjão e seu pai, pois Rastignac ignora as leis que regem aquela sociedade e precisa conhecê-las para poder fazer parte dela:

Rastignac, em cuja história é possível reconhecer momentos da vida de Balzac, e que se pode ver como representante dessa geração, sente-se atraído pelos encantos dessa sociedade que ele quer conquistar, mesmo quando conhece também suas aberrações. Sua ambição é muito mais de integração do que de dominação dessa sociedade. (MACHADO, 2001, p.60)

Madame de Beauséant será sua instrutora nessa “escola parisiense”: o primeiro *ensinamento* diz respeito ao cálculo: quanto mais friamente o jovem calcular seus passos, mais sucesso obterá. Em seguida, a nobre dama afirma que ele deve agredir para ser temido, esconder seus verdadeiros sentimentos, não revelar seu amor e sempre desconfiar do mundo que o cerca. É importante, igualmente, tornar-se o amante de uma bela mulher, para ser desejado por todas as outras. Afinal, em Paris, o sucesso é a chave do poder, capaz de atrair homens e mulheres (BALZAC, 1971, p. 115). Desse modo, ele poderá conhecer a corrupção feminina e a vaidade dos homens, sem se deixar abater ou enganar.

Rastignac, na sequência, recebe outra lição, desta vez oferecida pelo enigmático Vautrin, o foragido, que se apresenta na pensão de Madame Vauquer como negociante. Ele afirma que se o rapaz deseja vencer em Paris, tornar-se rico e respeitado, deve,



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

primeiramente, esquecer a honestidade, que não serve para nada. Os moralistas não conseguirão mudar esse mundo, porque o homem é imperfeito e Paris é uma cidade que acolhe um milionário infame, estende-lhe os braços, vai às suas festas, come seus jantares e brinda à sua infâmia (BALZAC, 1871, p. 157).

Vautrin propõe um assassinato a Rastignac, que recua, horrorizado, diante de tal infâmia. Mas conclui que o pensionista burguês havia dito “cruamente” o que a viscondessa havia explicado de forma sutil: era preciso deixar seus princípios de lado para triunfar em Paris.

O romance de Balzac critica o materialismo da sociedade oitocentista, carregando nos tons sombrios e no desfecho trágico de Goriot. Rastignac, entretanto, já aprendera sua “lição” e, apesar de lamentar a morte do homem que representava para ele a paternidade, lança o célebre desafio a Paris: “A nous deux maintenant” (BALZAC, 1871, p. 410). Servindo-se de um narrador onisciente e intruso, Balzac constrói um romance monofônico, no qual a intenção é transmitir uma mensagem moralizadora: “Em sua análise vigorosa, ele sintetiza uma crítica à política, à falta de sentimentos humanitários e ao modelo de educação ao homem de seu tempo” (MANTOVANI, 2005, p. 103).

A questão das diferenças sociais e da busca pela ascensão percorre toda a trama:

O pai Goriot é um trânsito entre classes sociais: Goriot ascende socialmente, de operário a burguês e termina como miserável. Da vida simples no interior, Rastignac migra para a miséria da Casa Vauquer e para a ostentação da nobreza parisiense. Vautrin, cujo passado é obscuro, circula por todas as classes. (KUCIAC, 2016, p. 81.)

Se o conto machadiano e o romance de Balzac se aproximam pelo tema do arrivismo social, tema este indissociável do contexto histórico do século XIX, eles se afastam por causa do tratamento que cada autor deu ao mesmo tema.

No conto machadiano não há a presença de um narrador, uma vez que a narrativa é construída em forma de diálogo. Esse aspecto favorece a independência das vozes que aí se manifestam, já que se ouve a palavra dos protagonistas sobre si mesmos e sobre o mundo sem a interferência do autor, como se essas personagens tivessem ideias próprias e não servissem de porta-voz ao pensamento machadiano.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

Em *Le Père Goriot*, ao contrário, todas as personagens são representativas e dependentes da consciência una do autor que as criou. O narrador onisciente e intruso tece uma crítica à sociedade materialista do oitocentos, que renega laços da família e de amizade em favor da ostentação e do luxo. Ao descrever Madame Vauquer, por exemplo, o narrador interrompe a narrativa para se dirigir ao leitor:

Depois de terem lido os segredos infortúnios do pai Goriot, jantarão com apetite imputando a própria insensibilidade ao autor, tachando-o de exagero, acusando-o de poesia. Ah! saibam: este drama não é uma ficção, nem um romance. *All is true*, ele é tão verdadeiro que todos podem reconhecer esses elementos em si mesmos, em seu coração talvez! (BALZAC, 2011, p. 7)

Ambas as narrativas resultam em uma crítica ao arrivismo social; todavia, enquanto Machado de Assis tece um conto permeado de humor e ironia, Balzac constrói um romance que leva o leitor à comoção e ao desprezo: sua intenção é escrever um drama:

Seja qual for o descrédito em que tenha caído a palavra “drama” pela maneira abusiva e torturante como foi atacada nestes tempos de dolorosa literatura, é necessário empregá-la aqui: não que esta história seja dramática no verdadeiro sentido da palavra; mas, concluída a obra, talvez se terão derramado algumas lágrimas *intra e extramuros*. (BALZAC, 2011, p. 8)

Pode-se inferir daí, que no romance de Balzac não se distinguem as vozes das personagens, pois elas não são ideologicamente distintas, enquanto na “Teoria do Medalhão”, as vozes de Janjão e de seu pai têm o mesmo peso e valor e a voz do narrador foi extirpada, visto tratar-se de um conto construído na forma de diálogo.

Leitor de Dostoiévski, Rabelais e Cervantes, Machado de Assis observou em suas obras a arte de criar personagens, dando-lhes voz e identidade, ausentando-se de sua obra, não se intrometendo em sua própria narrativa, como fazia Balzac. Soube usar a ironia e o humor, estabelecendo diálogos com a sociedade de sua época e com outros autores, sem impor sua própria ideologia.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.86-93

Referências

ASSIS, Machado de. *Contos, uma antologia*. (org. John Gledson). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BALZAC, Honoré. *Le Père Goriot*. Paris: Gallimard, 1971.

_____. *O pai Goriot*. Trad. Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

KUCIAC, Alexandre. *A ambição e forma literária em O Pai Goriot*. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

VILLAÇA, Alcides. Janjão e Maquiavel: a “Teoria do Medalhão”. In: GUIDIN, M.L.; GRANJA, L.; RICIÉRI, F.W (orgs). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora Uneso, 2008

MACHADO, Guacira M. Romantismo e Realismo em *Le Père Goriot*. In: *Lettres Françaises*, n.4, UNESP/ Araraquara, 2001.

MANTOVANI, Marcos Roberto. *Balzac e a representação de mudanças na educação e nas relações familiares*. Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM, 2005.

MONTESINI, Cláudia de Fátima. *A paideia inversa: “Teoria do medalhão”, de Machado de Assis*. *Anais do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras*. Disponível em: <www.assis.unesp.br/coloquioletras>. Acesso em: 20 abr. 2017.